

Um olhar sobre o século XIX brasileiro: a família patriarcal em *laiá Garcia* de Machado de Assis

Una mirada sobre el siglo XIX brasileño: la familia patriarcal en *laiá Garcia* de Machado de Assis

Tafnes do Canto*

*O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço*¹.

Resumo: Tendo vivido e produzido suas mais importantes obras no período de transição do Império para a República, Machado de Assis – um de nossos mais consagrados literatos – constitui-se em referência obrigatória para a caracterização da família e da sociedade deste período. Neste artigo, analisamos um de seus romances - *laiá Garcia* – para, através dele, caracterizar a família patriarcal vigente no Brasil no século XIX, e apresentar as implicações decorrentes dos novos valores que se introduziram neste período de transição.

Palavras-Chave – Machado de Assis, *laiá Garcia*, família patriarcal.

Resumen: Viviendo y produciendo sus obras más importantes en el periodo de transición del Imperio para la República, Machado de Assis – uno de los más consagrados literatos – se constituye en referencia obligatoria para la caracterización de la familia y de la sociedad de este periodo. En este artículo, analizamos uno de sus romances – *laiá Garcia* – para, a través de él, caracterizar la familia patriarcal vigente en Brasil en el siglo XIX, y presentar las implicaciones que surgieron de los nuevos valores que fueron introducidas en este periodo de transición.

Palabras-Clave: Machado de Assis, *laiá Garcia*, familia patriarcal.

À guisa de introdução

Machado de Assis não foi um escritor de ficção-histórica, porém, incluiu a história em seus romances, sem falar diretamente dela. Em *laiá Garcia*, por exemplo, podemos ver o arranjo social patriarcal. Deixando de lado temas como o exílio e a natureza, comuns à produção literária do Romantismo, Machado de Assis – como bem explica Jeferson Cano –

* Licenciada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e pós-graduanda em Metodologia do Ensino pela FAP – PR.

¹ ASSIS, Machado de. Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira. São Paulo: Agir, 1959: 28 - 34: Instinto de nacionalidade. (1ª ed. 1873). Texto digitalizado em PDF, p. 5. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/assis/massis.pdf> Acesso em 1º. nov.2009.

“servia-se de uma fórmula que podia ser vista como universal – o amor impossível – para fazer dos dramas e das tensões internas à família patriarcal brasileira a cor local que revestiria suas obras” (2008: 3). Ao contrário do que pensavam os críticos de sua época – Silvio Romero² e José Veríssimo – Machado de Assis incluiu temas que diziam respeito à realidade escravista e patriarcal brasileira.

Notas sobre a família brasileira do século XIX

Pensar que durante todo o período colonial e imperial brasileiro tenha existido um único modelo familiar – a família patriarcal – constitui-se em visão distorcida e equivocada. As pesquisas recentes sobre a história da família mostram que diversos tipos de lares conviveram simultaneamente, e que, em face da grande dimensão territorial de nosso país, houve uma pluralidade de arranjos locais caracterizando as relações familiares. Autores como Candice Vidal e Souza e Tarcísio Rodrigues Botelho (2001), nos chamam a atenção para pesquisas recentes que contestam que áreas como Bahia e Pernambuco tenham realmente conhecido a família patriarcal extensa.

Considerando que foi o *modelo genérico* de família patriarcal aquele que Machado de Assis descreveu em *Iaiá Garcia* e em outras obras de sua autoria, ao longo deste artigo procuramos interpor os conhecimentos produzidos pela historiografia em relação a este modelo familiar com o enredo narrado por Machado na referida obra.

A família patriarcal em *Iaiá Garcia*

Em *Iaiá Garcia* – romance escrito em 1879, mas cuja história se passa entre os anos de 1866 e 1871 – podemos perceber nitidamente a família patriarcal com seus jogos de manutenção de poder, os arranjos matrimoniais e sua mentalidade em relação ao casamento. Já é possível perceber nesta obra, o olhar observador lançado sobre a sociedade e que consagraria Machado de Assis. O literato escreve dissecando a sociedade que narra, de modo que revela as intenções por trás dos gestos de suas personagens. Sua escrita, que não incorreu nos determinismos comuns a seus contemporâneos, mostra-nos a sociedade de seu tempo, sem, no entanto, parecer concordar com ela.

Machado de Assis dividiu este romance em duas partes bastante distintas: a primeira, antes de o personagem Jorge ir à Guerra do Paraguai e, a segunda, após o seu retorno. A trama enfoca a paixão de Jorge, o filho de uma rica viúva, por uma agregada da

² Sobre a crítica de Silvio Romero à Machado de Assis, ver capítulo “O Caso Machado de Assis” in: VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil, 1870 – 1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991: 95-107.

casa, Estela. O sentimento é coibido pela viúva Valéria, que prefere ver o filho na guerra a casar-se com uma moça em condição socioeconômica inferior a sua. Ao retornar, Jorge encontra a antiga agregada casada com Luis Garcia, funcionário público que devia alguns favores à agora já falecida, Valéria. Diante desta nova situação, “Jorge transfere suas atenções para a corte – finalmente bem-sucedida – a laiá, a filha de Luis”. (GLEDSON, 1986: 63).

Embora, destituído da figura de um poderoso patriarca, o romance apresenta-nos Valéria, a matriarca que defende os princípios morais de sua época, preocupando-se com a manutenção da fortuna e do prestígio familiar. Enquanto seu filho estudava em São Paulo, dedicou-se a encontrar um casamento que se enquadrasse nestes critérios. É Machado de Assis quem nos conta:

Jorge estava prestes a concluir os estudos em São Paulo; ia na metade do quarto ano. Vindo à capital durante as férias, achou-se diante de uma situação inesperada; a mãe esboçara um projeto de casamento para ele. A noiva escolhida era parente remota de Jorge (2008: 34).

Os casamentos entre familiares eram praticados pelos clãs senhoriais com o intuito de concentrar a riqueza da família, constituindo-se, assim, em uniões baseadas na conveniência. A palavra *projeto* associada a *casamento*, é utilizada – não poucas vezes – por Machado de Assis em *laiá Garcia*. Outro momento em que esta associação aparece é quando se dá o retorno de Jorge a São Paulo: “Durante o último ano da faculdade, Jorge pensou algumas vezes no casamento como se pensa num projeto remoto” (ASSIS, 2008: 35). Tal comparação remete à ideia de matrimônio como um negócio. Este era, exatamente, o pensamento que vigorou durante o Segundo Reinado nas tradicionais famílias da elite.

Já entre os humildes, segundo Mary Del Priore, o quadro figurava-se de outra forma, pois “carinho e amor são aspectos relevantes nos casamentos de pobres e libertos. (...) Os padrões de moralidade eram mais flexíveis e havia pouco a dividir ou oferecer em uma vida simples” (2006: 159). Eni de Mesquita Samara concorda com Del Priore, ao afirmar que nas camadas mais pobres, a “escolha do cônjuge obedecia a critérios menos seletivos e preconceituosos” (1986: 44).

Após o término de seus estudos, Jorge voltou a residir com a mãe, que tinha como principal companhia a jovem agregada Estela. A moça fora agregada à família por laços afetivos; aliás, em muitos momentos da obra, Machado deixa claro o gosto que Valéria tem no convívio com Estela (mas, não a ponto de aceitá-la como nora). É justamente da benevolência de sua protetora que a moça depende para ascender socialmente. As agregadas – como Estela – aparecem em outros romances de Machado de Assis, podendo-se citar Guiomar, em *A Mão e a Luva*, e Helena, em obra homônima.

Para Alfredo Bosi, “em termos de história brasileira, este quadro figurado por Machado é o patriarcalismo extenso da burguesia do Segundo Reinado” (2002: 31). A sociedade brasileira desta época realmente possuía um grande número de agregados, os quais não se enquadravam entre os membros da classe dominante, nem entre os cativos e alforriados. Como já apresentamos anteriormente, estes prestavam uma variedade de serviços a seus protetores. No caso das três personagens que atuam como agregadas, elas encontram-se na condição de afilhadas, usufruindo da atenção e do dote das famílias que lhes abrigavam.

Não demorou muito para que Jorge e Estela se apaixonassem. Porém, o orgulho da moça não permitia que ela admitisse o amor que sentia pelo jovem rico. E Jorge, ao tentar beijá-la à força, acometeu sobre ambos um grande constrangimento, que levou Estela a deixar a casa de Valéria para retornar ao convívio com seu pai. Embora, a viúva não soubesse do fatídico episódio, pouco a pouco desconfiou dos sentimentos do filho que realizava visitas frequentes à residência do Sr. Antunes, pai de Estela.

É possível perceber que em *Iaiá Garcia*, Machado não descreve outros modelos familiares – existentes para além da família patriarcal –, como os concubinatos e suas proles ilegítimas, os celibatários ou os solteiros e suas uniões esporádicas. Por outro lado, também não descreve uma família patriarcal extensa, formada por um pai dominador, uma mãe submissa – aliás, algo praticamente impossível no caso de Machado, cujas personagens femininas são dotadas de força e engenhosidade – filhos, genros, noras, netos, agregados e escravos. Mas, nele encontramos os valores que as famílias preservavam – mesmo formadas por apenas um dos progenitores e seus filhos únicos, que é o caso de Jorge, Estela e Iaiá, e que eram tão próprios da sociedade patriarcal.

Isto fica evidente nas falas e no comportamento de Valéria, que via o interesse afetivo recíproco entre Jorge e Estela como uma grande desgraça. Seguindo a lógica patriarcal, ela não podia conceber que seu filho se casasse com alguém que não fosse uma moça da boa sociedade. Para John Gledson, *Iaiá Garcia*, “tem como figura central uma mãe dominadora que não se detém diante de nada para impedir um casamento socialmente desastroso” (1986: 29). Assim, é que a viúva retomou, com muito empenho, o plano original de unir Jorge com sua prima:

Voltou energicamente ao projeto de casar o filho com Eulália, e o intimou a obedecer-lhe. Jorge começou resistindo e acabou dissimulando; mas o artifício não iludiu a mãe. Valéria chamou logo em seu auxílio a jovem parenta. Eulália, que tivera tempo de refletir, francamente lhe disse que não estava disposta a ser sua nora, porque Jorge não a amaria nunca; e, conquanto não visse no casamento uma página de romance, entendia que a

Com a desistência da prima, Valéria insistiu para que Jorge viajasse à Europa. Como o jovem se recusava a lhe ouvir os conselhos e ordens, passou a cogitar uma medida extrema: enviá-lo à Guerra do Paraguai. Segundo Eni Mesquita Samara (1983), o fato de um filho recusar-se a casar com alguém de sua mesma classe social, poderia resultar em graves punições, podendo inclusive, implicar na perda de seus direitos na partilha do patrimônio e herança familiar. Para todos os efeitos, Valéria consegue enviar o filho à Guerra do Paraguai, alegando que sua ida se devia a “razões patrióticas”. O personagem Luis Garcia “aconselha o jovem que obedeça, mas o aconselha a contragosto, pressionado por Valéria, à qual deve obrigações familiares” (SCHWARTZ, 1988: 115).

Na mente de Jorge, a tradição e os ideais românticos se debatiam. Por um lado pensava: “quem tem razão é tu, porque essa mulher vale mais do que o destino, e a lei do coração é anterior e superior à outras leis”, por outro lado, cogitava: “tua mãe é quem tem razão, ias descer a uma aliança indigna de ti; e se não soubeste respeitar nem a tua pessoa bem o nome de teus pais, justo és que pagues o erro indo correr a sorte na guerra” (ASSIS, 2008: 49). Por fim, Jorge vai à Guerra, devido à grande insistência de Valéria, mas “principalmente por causa de sua vergonha de ter tentado beijar Estela à força” (GLEDSON, 1986: 63).

Tamanha era a preocupação de Valéria que o filho levasse a cabo sua paixão pela agregada, contraindo matrimônio em uma união de desigualdade socioeconômica, que mesmo que o filho se encontrasse a muitos quilômetros de distância, temia o fim da Guerra e o retorno repentino de Jorge, como nos narra Machado de Assis:

Isto posto, não admira que Valéria receasse a cada instante a terminação da guerra e a pronta volta do filho. Se tal coisa acontecesse, ela teria dado um golpe inútil, e o fogo podia renascer das cinzas mal-apagadas. Valéria preferia as soluções radicais (ASSIS, 2008: 58).

O meio mais seguro que Valéria encontrou para evitar uma ruptura com a tradição foi arranjar o casamento de Estela. Já que o Sr. Antunes não possuía recursos suficientes para dotar a filha, Valéria se propôs a fazê-lo, aumentando as suas oportunidades de um bom casamento. Foi a partir de então que, o convívio entre ambas voltou a estreitar-se, como no princípio do romance.

Além dos arranjos matrimoniais, da perpetuação da fortuna e do prestígio familiar como valores importantes da sociedade patriarcal, a obra de Machado de Assis nos fala sobre o novo *habitus* vigente nesta sociedade. Um bom exemplo do novo *habitus* que passou a vigorar entre as *melhores famílias* do Império era a aquisição de propriedades para veraneio, as quais serviam de vitrine social, ostentando o cabedal que possuíam para

manter mais de uma residência. Este também era o caso da personagem Valéria, que, tão logo começava o verão, transportava-se para Santa Teresa, onde recebia suas visitas, entre elas, a filha de Luis Garcia, Iaiá.

Sobre a personagem *Iaiá Garcia*, sabe-se que o pai a enviara para um colégio interno para meninas, logo após o falecimento de sua mãe, pois ela não poderia permanecer sozinha enquanto este desempenhava sua atividade de funcionário público. A menina, no entanto, não havia freqüentado estudos regulares, e aos 13 anos – de acordo com a caracterização da personagem feita por Machado de Assis - já havia concluído seus estudos, o que parece estar de acordo com a afirmação de Guacira Lopes Louro, de que “na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios” (1997: 446). Isto justifica os poucos anos de estudo de Iaiá – considerados suficientes pela sociedade descrita por Machado de Assis. Ao mesmo tempo, a personagem *Iaiá Garcia* pode ser vista como uma menina privilegiada, pois, as meninas das camadas populares viviam uma realidade bastante distinta, como apontado também por Guacira Lopes Louro:

(...) não se pode esquecer que, de um modo geral, as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho na roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas (1997: 445).

Com o retorno de *Iaiá* à trama – ela havia sido apresentada logo no início do romance –, Machado dedica-se a narrar o convívio que se estabelece entre Valéria, Luis Garcia, Estela e Iaiá, por quem a agregada da viúva desenvolve um carinho quase maternal. Estela encontra no pai de *Iaiá* o seu “projeto ideal de marido”, chegando a revelar à Valéria que, embora não o amasse e apenas o estimasse, considerava ser este um sentimento suficiente para um bom casamento – o que corrobora a mentalidade vigente na época de que o amor não era essencial para as uniões matrimoniais. Machado de Assis assim nos descreve o casamento de Luis Garcia e Estela, baseado não no amor, mas na estima: “nada tinha das alegrias infáveis ou das ilusões juvenis. Era um ato simples e grave. E foi o que Estela lhe disse a ele, no dia em que trocaram reciprocamente as primeiras promessas”. (2008: 70).

Para Luis Garcia, Estela tinha todas as qualidades consideradas necessárias para ser sua esposa e, por conseguinte, a madrasta de Iaiá: “discreta, moderada, superior a seus anos” (ASSIS, 2008: 69). Do mesmo modo, para Estela, Luis Garcia era um marido aceitável, já que “via nele um homem de afeições plácidas, medíocres, mas sinceras. Via-o respeitoso, falando pouco, mas com alguma ideia (...)” (ASSIS, 2008: 64). Quando Machado

narra a avaliação que Valéria faz de Luis Garcia, expõe, mais uma vez, os valores patriarcais da matriarca, pois enquanto a personagem Estela se ateve mais às características psicológicas e comportamentais, a viúva priorizou os aspectos socioeconômicos favoráveis decorrentes da união:

Luis Garcia tinha agora melhor posição. Obtivera uma promoção de emprego, e, mediante isso e alguns trabalhos extraordinários que lhe foram confiados, pode ficar inteiramente coberto das intempéries da vida. Estabelecera o futuro da filha e restaurara as alfaias da casa, não por si, mas com a intenção de ser mais agradável a laiá (ASSIS, 2008: 66).

O crítico literário Roberto Schwartz faz uma observação interessante sobre a personagem de Luis Garcia que, inicialmente, se afigura como alguém de maneiras frias e retraídas, fazendo-nos pensar que haveria algum mistério em seu passado que mais adiante seria explicado no romance. No decorrer da obra, tal mistério não é desvendado, o que, segundo Schwartz, pode ser atribuído à intenção que Machado tinha de através de Luis Garcia,

apresentar modos correntes do paternalismo, que não pedem explicação biográfica, como sendo traços estranhos e particulares, o que eles certamente seriam em coordenadas burguesas. Em conseqüência, o funcionário começa como um esquisitão misterioso, e termina como o mais normal dos homens (1988: 127).

Quando Jorge retorna da Guerra do Paraguai, sua mãe já havia falecido e Estela encontrava-se casada justamente com Luis Garcia, a quem, anos antes, havia confidenciado o amor que sentia pela jovem. Nesta segunda parte do romance, Jorge é apresentado por Machado como um homem que vive de renda e do aluguel de propriedades, comportamento que remonta ao modelo social dos tempos da Colônia, no qual o não-trabalho e o viver de renda eram vistos como status social.

Para contrapor-se a Jorge, Machado de Assis cria outro personagem, Procópio Dias, um homem de negócios. Através dele, podemos perceber que a sociedade havia mudado após o fim da Guerra do Paraguai:

(...) se barreiras de classe, que eram absolutas, agora começaram a ser deslocadas, e o papel dos homens de negócios, que não aparece antes nos romances, assume importância não apenas como comentário isolado sobre a guerra, mas na própria trama (GLEDSON, 1986: 65).

Procópio Dias – que não vivia de rendas como Jorge – tratava-se de homem de negócios que havia ganhado fortunas com a guerra e contratos com o governo. Machado descreve este personagem como um indivíduo perspicaz e que buscava ansiosamente não somente o lucro, mas também o prazer, pois para ele “a vida física era todo o destino da

espécie humana” (ASSIS, 2008: 78). No decorrer da trama, Dias se tornará o mais sério concorrente de Jorge na corte à *laiá Garcia*. Para John Gledson, este personagem machadiano “representa a entrada do capital e a mudança da sociedade” (1986: 65).

Apesar dos inúmeros conflitos decorrentes dos dois triângulos amorosos – o primeiro formado por Estela, Jorge e *laiá*, e o segundo, composto por Procópio Dias, *laiá* e Jorge –, finalmente, a mão de *laiá Garcia* é concedida a Jorge, sem qualquer menção

*a diferença de classe entre o filho de Valéria Gomes e a filha de Luis Garcia. Estela afasta-se dignamente do casal, buscando uma posição de independência como diretora de uma escola de meninas. O final dá a entender que *laiá*, segura do seu destino, se reconciliara afetivamente com a madrasta, o que decerto não apaga, mas sublima a virulência das paixões que o narrador pusera em jogo (BOSI, 2002: 44).*

Desde o início da trama, Machado atribui a Jorge certos ideais românticos, descrevendo-o como alguém para quem não bastava que a esposa fosse “elegante e bonita, discreta e mansa, era preciso alguma coisa mais, que exatamente correspondesse à imaginação dele” (ASSIS, 2008: 35).

Considerações finais

Ao final do século XIX, já podiam ser sentidas as primeiras mudanças na estática sociedade patriarcal. Para Sidney Chalhoub, autor de *Machado de Assis Historiador*, em *laiá Garcia*, “a narrativa se move ostensivamente para os anos que Machado percebia como decisivos na crise do paternalismo – 1866-1871 –, sendo então traçado um amplo painel das mudanças históricas do período” (2003: 67). Aos poucos, os antigos valores foram substituídos por uma nova mentalidade decorrente dos efeitos sociais da urbanização e do crescente individualismo, fenômeno que pode ser observado em outras obras de Machado de Assis, como em *Dom Casmurro*.

Ao tomarmos contato com a produção histórica mais recente sobre a família deste período de transição de valores e *habitus*, percebemos que a mudança de uma família patriarcal para a família nuclear burguesa não foi estanque, mas lenta e gradual. Ambas as famílias coexistiram entre si por algum tempo e, também, com outros modelos familiares, nos quais não nos ativemos neste artigo.

Assim, pode-se dizer que Machado não escreveu sobre todos os modelos familiares que vigoraram à época. Ao mesmo tempo, as famílias patriarcais que descreve não aparecem em sua configuração clássica, mas os valores e o *habitus* das famílias narradas são patriarcais, especialmente no que diz respeito ao enredo de *laiá Garcia*, no qual

Machado revela seus jogos de manutenção de poder e fortuna através das alianças matrimoniais.

Referencias Bibliográficas:

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Iaiá Garcia**. 2ª Ed. - Porto Alegre: L&PM, 2008.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis**. São Paulo: Publifolha, 2002.

CANO, Jeferson. Machado, além do romantismo. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 25 a 31 de agosto de 2008 – ANO XXII – Nº 406.

PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: Ficção e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das Mulheres no Brasil**. 2a ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 443 a 481.

SAMARA, Eni Mesquita. **A família Brasileira**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SCHWARTZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

SOUZA, Candice Vidal E. e BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, vol.9 no. 2 Florianópolis 2001.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**: História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil, 1870 – 1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 95 a 107.

Recebido em *Janeiro* de 2010

Aprovado em *Mai*o de 2010